

100 ANOS DE HISTÓRIA DO PCP

M M

M

M

M

M

M

M

M

M

MM

M

M

Orientador ↓

JOSÉ MANUEL LOPES CORDEIRO

Data e Local ↓

2, 9, 16, 23 MARÇO 2021 — 4 SESSÕES

DAS 18H-20H EDIÇÃO *ON-LINE* BIBLIOTECAS
MUNICIPAIS DO PORTO

Desde 1921 que o Partido Comunista Português constrói uma história ligada à luta do povo pela liberdade e pela democracia. O Museu da Cidade assinala os 100 anos desse legado, numa parceria com a Direção da Organização Regional do Porto do PCP, através de uma exposição *PCP 100 anos*, no novo Triplex, e de um programa satélite que inclui *Panfletarismo*, no novo Gabinete Gráfico.

No ano em que se assinala o centenário do PCP – Partido Comunista Português, a mais antiga formação política em atividade em Portugal, propõe-se uma abordagem histórica da sua atuação, desde a fundação à atualidade. Entre os momentos mais marcantes dessa história, serão abordados os anos da fundação, a reorganização de 1940-41, a sua posição perante as transformações sociais e políticas da década de 1960, ou a sua atuação no pós-25 de Abril, durante o denominado PREC – Processo Revolucionário em Curso.



MUSEU
DA
CIDADE

Porto.

Primeiro manifesto do PCP (1921), Torre do Tombo:
<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4482255>.

1ª SESSÃO

OS ANOS DA
FUNDAÇÃO
DO PARTIDO
COMUNISTA
PORTUGUÊS

José Manuel Lopes Cordeiro

AS ORIGENS DO PCP NO PORTO

Uma das raras fontes disponíveis para se conhecer um pouco da história do PCP no Porto deve-se a José da Silva, operário sapateiro, que foi um dos protagonistas desse processo. Esse relato autobiográfico deu origem a um livro, em dois volumes, publicado no início dos anos '70 por uma das mais curiosas editoras portuguesas, a Livraria Júlio Brandão, de V. N. de Famalicão.

As origens do PCP no Porto remontam a meados de 1920 quando, numa agitada reunião efetuada no Centro Comunista Libertário — com sede na Rua de Entreparedes, n.º 33 —, vários dos presentes abandonaram a sala, no seguimento de uma acalorada discussão entre dois grupos presentes que, divididos, se injuriavam mutuamente. À frente do grupo que abandonara a reunião encontrava-se o operário Manuel Ferreira Torres, manufator de calçado, um

M M
M
M

M

M

M

M

M

M

MM

M

M

M

MUSEU
DA
CIDADE

M	M	<p>ex-simpatizante anarquista que se tinha entusiasmado com a revolução russa de 1917, e que no Porto era o mais entusiasta difusor do jornal <i>Bandeira Vermelha</i>, publicado em Lisboa pela Federação Maximalista Portuguesa.</p> <p>No seguimento dessa reunião constituiu-se nesse ano de 1920, e em torno de Manuel Ferreira Torres, um núcleo de operários que formou o primeiro agrupamento de carácter marxista, o qual adotou a denominação de Centro Comunista do Porto. Dois anos mais tarde, em Dezembro de 1922, alguns sindicalistas do Porto, que no III Congresso Operário Nacional, realizado em Outubro desse ano na Covilhã, se tinham manifestado a favor da Internacional Sindical Vermelha (ISV), foram contactados por Abílio A. Lima, do sindicato dos arsenalistas de Marinha, de Lisboa, informando-os que os simpatizantes da ISV da capital se tinham associado num agrupamento denominado “Núcleo Sindicalista Revolucionário” (NSR), cujos objetivos, eram os de levar os seus membros a constituírem “frações sindicais” de partidários da ISV dentro dos sindicatos onde dominassem os libertários. Abílio A. Lima trazia também como missão encontrar no Porto, no seio dos “sindicalistas revolucionários”, alguém que se dispusesse desempenhar as funções de correspondente de um novo jornal, denominado <i>A Internacional</i>, que se iria publicar em Lisboa — cujo primeiro número sairá a 3 de Novembro de 1923 —, com o objetivo de divulgar os princípios sindicalistas da ISV. A tarefa irá recair sobre José da Silva que, em simultâneo, passou a desempenhar também o cargo de secretário-geral do NSR, entretanto constituído, com sede na Rua do Bonjardim.</p>
M	M	
M	M	
M	M	
M	M	
M	M	
M	M	
M	M	
M	M	
M	M	
MUSEU DA CIDADE		

M M
M
M

A PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA

M

M

M

M

M

M

MM

M

M

M

MUSEU
DA
CIDADE

Entretanto, em meados de 1921, no seguimento da dissolução da Federação Maximalista em Dezembro de 1920 e da posterior fundação do PCP, Manuel Ferreira Torres iniciará um processo que desembocará na criação da primeira organização partidária comunista na Cidade Invicta, a qual substituirá o Centro Comunista do Porto. Entre os elementos que a constituíam, para além de Manuel Ferreira Torres e José da Silva, contavam-se Salvaterra Júnior, cinzelador de profissão e “apreciado poeta” (de acordo com José da Silva) que no I Congresso do PCP, em Novembro de 1923, será eleito para o Comité Central, Henrique Fernandes, alfaiate, Aurélio da Cunha Guimarães, comerciante, Domingos Ferreira Fontes, pintor, Aníbal Barbosa Cardoso, empregado comercial, e Apolino Aragão, entre outros.

Este primeiro núcleo de comunistas portuenses irá revelar-se, contudo, incapaz de manter entre si a necessária unidade e coesão pelo que, ainda de acordo com José da Silva, a breve prazo surgem insanáveis divergências, motivadas por diferentes interpretações sobre a orientação a seguir. Estas, diziam respeito à aplicação das resoluções adotadas no IV Congresso da Internacional Comunista (IC), onde uma delegação do PCP tinha participado, e do qual tinha regressado com a intenção de depurar o partido dos elementos que, segundo eles, não se identificavam com os princípios comunistas. Aliás, uma situação idêntica registou-se em Lisboa, pelo que foi necessário convocar uma conferência de militantes, realizada em 4 de Março de 1923, da qual saiu um novo Comité Central, que de depuração em depuração acabou por suspender

M M
M
M

a atividade do PCP até à intervenção da IC. Entretanto, os militantes que tinham sido “depurados”, dirigidos por José Carlos Rates, darão continuidade ao trabalho, reconstituindo o Partido.

M
M
M

Em Agosto de 1923, perante esta situação, Jules Humbert-Droz — o delegado que a IC tinha enviado a Portugal para resolver os problemas da sua Secção Portuguesa — decide apoiar o grupo de Rates e convocar um congresso constitutivo do PCP para Novembro desse ano. A influência de Droz irá ser decisiva, nomeadamente no apoio a Rates, o que mais tarde mereceu a Bento Gonçalves a apreciação de que formavam um “duo irresponsável e grotesco”, e que, “com uma acertada vigilância de classe não era difícil fixá-los como oportunistas sem vergonha”. Nesse

M
M
M

Congresso, em que os militantes do Porto foram representados por Salvaterra Júnior e Aurélio da Cunha Guimarães, são aplicadas várias sanções — desde a suspensão até à irradiação —, sendo particularmente afetada a Comuna do Porto, dado que a Américo Antelo, António Sales, Apolino Aragão, Domingos Ferreira Fontes e Aníbal Barbosa Cardoso irá ser aplicada a pena de suspensão, e a Henrique Fernandes a irradiação do Partido.

MM

M

Após o I Congresso, a organização do PCP no Porto ficou sob a responsabilidade de Manuel Ferreira Torres, embora extremamente debilitada. Como refere José da Silva, sua simpatia e prestígio “não eram o bastante para fazer andar para a frente a organização comunista do Porto”, salientando, entre outros aspetos, que “nunca se tentou dar ao partido uma sede”, sendo “quase sempre o local escolhido para troca de impressões o café ‘Águia d’Ouro’ e era mesmo aí que, de vez em quando, se redigia uma notícia para

M
M

MUSEU
DA
CIDADE

M M os jornais destinada aos seus filiados”. Valerá ao PCP
 M o prestígio e a influência, entretanto adquiridas por
 M José da Silva – que em Dezembro de 1923 tinha sido
 eleito secretário-geral do Sindicato dos Manufatores de
 M Calçado, que assim foi conquistado para a orientação
 do sindicalismo revolucionário. Em meados de 1924,
 M numa reunião dos filiados no NSR, José da Silva propõe
 M a sua integração nas fileiras do PCP, que é aceite, ao
 mesmo tempo que aquele era dissolvido. “E foi assim
 que o PCP, de uma assentada, foi reforçado com cerca
 de setenta novos membros, 95 por cento dos quais eram
 M operários”, ressalta José da Silva.

M M **PAREDES MEIAS COM O CAPITAL**

MM A primeira consequência da entrada dos sindicalistas
 revolucionários para o PCP foi a debandada de Manuel
 Ferreira Torres e do seu grupo de amigos, que José da
 Silva explica pelo facto de, verdadeiramente, nunca
 terem sido comunistas, e estarem “ainda muito presos
 à cepa de que eram oriundos — o anarquismo”. À frente
 do PCP no Porto, José da Silva irá imprimir-lhe uma
 nova orientação, mais atuante, tanto no domínio
 M sindical como no político. A direção era agora composta
 por António de Carvalho, operário alfaiate, Anastácio
 M Gonçalves Ramos, metalúrgico, António Nunes,
 M chefe de armazém, e José Moutinho, empregado
 de escritório. No entanto, dispunha ainda de um
 número reduzido de membros — que pagavam uma
 quota mensal de um escudo — o que impossibilitava
 a resolução de um velho problema, o da inexistência
 de uma sede, dado não haver receitas suficientes para
 assegurar o respetivo aluguer. Só existia uma solução,
 o de aumentar o número de filiados, tarefa que foi

MUSEU
 DA
 CIDADE

M M
M
M

resolutamente levada a efeito, e em menos de dois meses o PCP portuense contava com 400 militantes, possibilitando o aluguer de uma sala para a primeira sede do partido, nas traseiras do segundo andar do n.º 69 da Avenida dos Aliados, num prédio cuja frontaria era ocupada pelo Banco Espírito Santo.

M

M
M

A reorganização do PCP portuense contou ainda com um outro momento alto, na primavera de 1925, com a criação do seu primeiro órgão regional, o mensário *A Bandeira Vermelha*.

M

Não obstante ter registado inúmeras dificuldades nos anos de 1925 e de 1926, a organização portuense do PCP conheceu um razoável desenvolvimento. Em breve, a sede da Avenida dos Aliados mostrou-se insuficiente para as necessidades partidárias, pelo que foi necessário alugar novas instalações, um segundo andar do n.º 196 da Rua de Trás, onde se situava a entrada, mas cuja frente dava para a Torre dos Clérigos.

M M

MM

O II Congresso do PCP, realizado em 29 e 30 de Maio de 1926 – nos dias seguintes à revolta militar que abrirá caminho ao regime do Estado Novo –, contou com a participação de sete delegados portuenses — José da Silva, António de Carvalho, Anastácio Ramos, Manuel João, Moreira Gomes, Saint Martin e José Moutinho — e, entre várias resoluções, louvou o trabalho político e sindical realizado pelo Comité Regional do Norte, tendo José da Silva presidido à Segunda Sessão dos trabalhos. No entanto, o PCP saiu desse Congresso sem uma clara orientação para fazer face à situação resultante do golpe militar do 28 de Maio, o que conduziu à sua participação em várias tentativas de *putschs* contra a ditadura militar que se tinha instalado no país, organizados pelos

M
M

MUSEU
DA
CIDADE

M M
M
M

diversos sectores republicanos. É o caso do frustrado golpe do 3 de Fevereiro de 1927, no Porto, que contou com a contribuição de 200 militantes do PCP, no seguimento do qual a sua sede foi encerrada, parte dos seus membros foi presa, tendo os dirigentes locais sido obrigados a dispersarem-se pela província ou forçados a emigrar. A partir de então a atividade do PCP no Porto e no país praticamente desaparece. Será necessário aguardar por 1929 para Bento Gonçalves encetar uma profunda reorganização. Mas essa, é já uma outra história.

M
M
M

M

M M

Nota: Uma primeira versão deste texto foi publicada no *Público – Local Porto*, de 11 de Março de 2001.

MM



M

M
M

MUSEU
DA
CIDADE

Bandeira Vermelha (1925-1926), BPMP, Cota: IX-2-101(4).